Artefactum – Revista de Estudos Interdisciplinares
ISSN 1984-3852
v. 25, n. 12, 2026

EMPREENDEDORISMO PERIFÉRICO E IMPACTO SOCIOAMBIENTAL: POR QUE NÃO SÃO RECONHECIDOS COMO NEGÓCIOS DE IMPACTO?

PERIPHERAL ENTREPRENEURSHIP AND SOCIOENVIRONMENTAL IMPACT: WHY ARE THEY NOT RECOGNIZED AS IMPACT BUSINESSES?

EMPRENDIMIENTO PERIFÉRICO Y IMPACTO SOCIOAMBIENTAL: ¿POR QUÉ NO SON RECONOCIDOS COMO NEGOCIOS DE IMPACTO?

DOI: 10.23900/artefactum.v25i12.163
Submitted: 9/26/2026
Approved: 10/20/2026

Ana Lia da Silva Dionisio
Graduado em Administração
Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Antonio Luiz de Medina Filho
Doutor em Psicologia Social
Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Bruno da Silva Barbosa
Graduado em Administração
Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maria Cecilia Trannin
Doutor em Meio Ambiente
Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Marcela Lobo Francisco
Doutor em Engenharia de Produção com ênfase em Finanças
Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ronaldo de Souza Leite Chataignier
Doutor em Administração
Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Este artigo tem como propósito analisar por que empreendedores periféricos não são reconhecidos pelos critérios institucionais que definem os negócios de impacto. A questão central consiste em compreender por que as práticas de sustentabilidade desenvolvidas nesses territórios permanecem invisíveis diante desses parâmetros. O objetivo geral é investigar tais práticas e identificar as razões que explicam a ausência de reconhecimento institucional.

Para a realização desta pesquisa, adotou-se uma abordagem exploratória e qualitativa, utilizando um formulário aplicado por meio da plataforma Google Forms, além do levantamento bibliográfico e do trabalho de campo. Esse conjunto de procedimentos resultou em uma análise documental e exploratória que permitiu identificar que, embora os empreendedores atendam a critérios como intencionalidade e centralidade do impacto em suas atividades, ainda enfrentam desafios significativos. Entre eles, destacam-se a dificuldade de comprovar retorno financeiro, a ausência de um monitoramento sistematizado e o acesso limitado a investimentos.
Diante desse cenário, considera-se que o fortalecimento institucional pode representar um caminho promissor para apoiar projetos desenvolvidos em comunidades. A oferta de conhecimentos qualificados como cursos, mentorias e capacitações, pode auxiliar esses empreendedores a aprimorar a gestão de seus projetos e alinhar suas iniciativas aos parâmetros necessários para acessar recursos financeiros e apoios institucionais.

Palavras-chaves: sustentabilidade; empreendedorismo; impacto socioambiental.

ABSTRACT

This article aims to analyze why peripheral entrepreneurs are not recognized according to the institutional criteria that define impact businesses. The central question lies in understanding why the sustainability practices developed in these territories remain invisible under these parameters. The overall objective is to investigate these practices and identify the reasons that explain the lack of institutional recognition.
To conduct this research, an exploratory and qualitative approach was adopted, using a form administered through the Google Forms platform, in addition to bibliographic research and fieldwork. This combination of procedures resulted in a documentary and exploratory analysis that revealed that, although the entrepreneurs meet criteria such as intentionality and the centrality of impact in their activities, they still face significant challenges. Among these are the difficulty of demonstrating financial return, the absence of systematic monitoring, and limited access to investment.
Given this scenario, institutional strengthening is considered a promising path to support projects developed in communities. Providing qualified knowledge such as courses, mentoring, and training, can help these entrepreneurs improve the management of their projects and align their initiatives with the parameters required to access financial resources and institutional support.

Key-words: sustainability; entrepreneurship; socio-environmental impact.

RESUMEN

El propósito de este artículo es analizar por qué los emprendedores de las zonas periféricas no son reconocidos según los criterios institucionales que definen los negocios de impacto. La cuestión central consiste en comprender por qué las prácticas de sostenibilidad desarrolladas en estos territorios permanecen invisibles a la luz de dichos parámetros. El objetivo general es investigar dichas prácticas e identificar las razones que explican la falta de reconocimiento institucional.
Para llevar a cabo esta investigación, se adoptó un enfoque exploratorio y cualitativo, utilizando un cuestionario aplicado a través de la plataforma Google Forms, además de una revisión bibliográfica y trabajo de campo. Este conjunto de procedimientos dio lugar a un análisis documental y exploratorio que permitió identificar que, aunque los emprendedores cumplen criterios como la intencionalidad y la centralidad del impacto en sus actividades, siguen enfrentándose a retos significativos. Entre ellos, destacan la dificultad para demostrar la rentabilidad financiera, la ausencia de un seguimiento sistematizado y el acceso limitado a la inversión.
Ante este panorama, se considera que el fortalecimiento institucional puede representar una vía prometedora para apoyar los proyectos desarrollados en las comunidades. La oferta de conocimientos especializados, como cursos, tutorías y formación, puede ayudar a estos emprendedores a mejorar la gestión de sus proyectos y a adaptar sus iniciativas a los parámetros necesarios para acceder a recursos financieros y apoyos institucionales.

Palabras clave: sostenibilidad; emprendimiento; impacto socioambiental.

1 INTRODUÇÃO

Negócios de impacto são aqueles que procuram resolver problemas reais com a intenção de causar impacto positivo nas camadas socioambientais da sociedade e, com isso, gerar valor compartilhado. Os negócios de impacto atuam na solução para as mazelas sociais, criando por vezes produtos, serviços ou formas de operação inovadores. (Semente, 2022)

Muitos empreendedores periféricos desenvolvem soluções que geram impacto social, econômico e ambiental em suas comunidades. Entretanto, essas práticas ainda não são reconhecidas pelos critérios institucionais de negócios de impacto. Um dos aspectos importantes desta forma de empreender é a oportunidade de adicionar a sua própria vivência para resolver problemas que são particulares da periferia através do seu negócio. (Porto Social, 2022). Entretanto, para que sejam reconhecidos como negócios de impacto, os empreendimentos precisam atender a quatro critérios institucionais, conforme figura 1: Intencionalidade de resolução de um problema social e/ou ambiental; a solução de impacto precisa ser a atividade principal do negócio; a busca de retorno financeiro, operando pela lógica do mercado; compromisso com monitoramento do impacto gerado.

No entanto, apesar de muitos empreendedores periféricos atenderem pelo menos parte dos critérios estabelecidos, permanecem ainda invisíveis, seja pela dificuldade de comprovar métricas formais, seja pela ausência de recursos que sustentem o acompanhamento sistemático de seus resultados. A questão central deste artigo consiste em compreender por que as práticas dos negócios periféricos permanecem invisíveis nesses parâmetros. O objetivo geral é analisar tais práticas e identificar as razões que explicam a ausência de reconhecimento institucional.

Segundo o Instituto CÓRIA (2023),

> “Em 2021 uma pesquisa realizada pelo Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo mostrou como as desigualdades sociais se refletem no empreendedorismo realizado em comunidades periféricas. Os resultados apontaram que esses negócios têm, em média, 37 vezes menos capital do que os realizados fora das periferias. Já as receitas obtidas são, em média, 21 vezes menores em empresas periféricas.”

Ao mesmo tempo em que apresentam relevância social, as práticas empreendedoras em comunidades enfrentam barreiras de acesso a oportunidades e reconhecimento, o que limita seu alcance e sustentabilidade. Para as comunidades,

principalmente em regiões onde o acesso a oportunidades é limitado, essa combinação entre educação e empreendedorismo é uma força transformadora. Jovens que recebem esse tipo de formação têm a chance de criar negócios locais, gerando empregos e promovendo o crescimento econômico de suas regiões. (Dutra, 2024)

Ainda, segundo o Panorama das Favelas do Estado do Rio de Janeiro (2025, p. 6),

> "O estudo censitário de 2022 apontou que o estado abriga 1.724 favelas, representando 13,96% do total nacional, com uma população de 2.142.466 pessoas - 13,07% dos moradores de favelas do país, conforme o mapa 1. Entre essas comunidades, a Rocinha, localizada na Zona Sul do Rio, destaca-se como a favela mais populosa do Brasil, com 72.021 habitantes".

Entender esse cenário é essencial para explicar a ausência de apoio e financiamento adaptados à realidade periférica, já que os critérios atuais privilegiam empreendimentos consolidados. Assim, torna-se necessário repensar os modelos de avaliação e financiamento para incluir e fortalecer os negócios sustentáveis das periferias. Além disso, pretendeu-se investigar os fatores que dificultam sua inclusão nos parâmetros oficiais. Outro ponto é relacionar essas práticas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), destacando sua contribuição para a Agenda 2030. A pesquisa ainda pretende propor reflexões e recomendações para que os critérios de negócios de impacto se tornem mais inclusivos. Assim, amplia-se o reconhecimento das iniciativas periféricas.

2 DESENVOLVIMENTO

Os critérios institucionais de negócios de impacto são condições ou requisitos mínimos que uma organização precisa cumprir para ser reconhecida como tal. Eles funcionam como uma ferramenta estratégica capaz de impulsionar soluções para diferentes desafios globais, de forma inovadora e financeiramente sustentável.

É importante não inibir o desenvolvimento de um conceito fluido mais adequado à complexidade do campo. Os negócios de impacto que estão em estágios iniciais, por exemplo, podem atender esses critérios em diferentes níveis. Não podemos dificultar que as organizações utilizem a melhor definição de acordo com seu estágio e contexto. Afinal, o foco é proporcionar impacto positivo na sociedade (Impacta Nordeste, 2021). Segundo Barki (2015), os negócios sociais emergem a partir da premiação do Nobel da Paz em 2006, quando Yunus foi reconhecido por seu trabalho com microcrédito, dando

origem a um modelo de organização híbrida que combina competências do setor privado e do Terceiro Setor (Barki, 2015).

Esses critérios são essenciais para garantir uma identidade clara aos empreendimentos, conferindo legitimidade e credibilidade. Com isso, investidores, parceiros e governos podem reconhecer e apoiar iniciativas genuinamente comprometidas com a geração de impacto positivo, favorecendo o desenvolvimento de soluções inovadoras para desafios sociais e ambientais de forma sustentável e escalável. Com isso, muitas aceleradoras e startups têm se voltado para o tema de impacto. A intensificação dos esforços para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 e o próprio surgimento da pandemia de Covid-19 no ano passado são fatores que têm impulsionado os negócios na busca por impacto socioambiental. (BNDES, 2021).

Figura 1: Quadro de critérios institucionais



Fonte: Fonte: Elaborado pelos autores, baseado em Artemisia e Aliança pelo Impacto (2019).

Os critérios que definem os empreendimentos como negócios de impacto são eles:

a) intencionalidade - O negócio deve nascer ou se posicionar de maneira clara com objetivo de causar impacto social ou ambiental, essa não deve ser uma atividade consequente do negócio

b) atividade principal - o impacto deve estar inserido no negócio principal, e não em ações paralelas de responsabilidade social.

c) retorno financeiro - O negócio precisa ter sustentabilidade econômica, de modo a garantir sua permanência no mercado, não sendo dependente de maneira exclusiva de doações ou subsídios.

d) monitoramento de impacto - É necessário medir, avaliar e comunicar os resultados alcançados, garantindo que os impactos ambientais e sociais positivos estejam de fato sendo alcançados.

Estamos falando de um conjunto de quatro critérios que formam o requisito mínimo de um negócio de impacto. Esses critérios não caminham sozinhos, ou seja,

precisam existir simultaneamente, constituindo um filtro único pelo qual os empreendimentos precisam passar para serem considerados negócios de impacto. (ICE, 2019, p. 31).

No entanto, tais parâmetros foram construídos a partir da lógica de empreendimentos formais e estruturados, como startups ou empresas com governança consolidada, o que acaba restringindo a inclusão de iniciativas de fontes comunitárias e periféricas. Isso acontece porque, embora organizações periféricas respondam claramente ao critério da intencionalidade e o impacto seja a atividade principal, a maioria não consegue comprovar o retorno financeiro consolidado ou monitorar os resultados de maneira consistente. Dessa forma, é importante reconhecer que os negócios de impacto podem apresentar diversos modelos de atuação e níveis de maturidade, o que necessita de critérios menos engessados. Ao exigir de maneira rígida que seja comprovado retorno financeiro e monitoramento sistemático de impacto, essas exigências acabam por inviabilizar as iniciativas das periferias, que apesar de muitas vezes atuarem em uma escala reduzida possuem alto impacto socioambiental. Um ponto relevante referente às dificuldades e barreiras enfrentadas pelos empreendedores, especialmente no que diz respeito ao acesso a crédito e capital financeiro para o desenvolvimento de seus negócios são a falta de interesse em investir em micronegócios localizados em comunidades. Deste modo, enfraquecendo o crescimento econômico e estrutural dessas regiões, muitas vezes obrigando os empreendedores a recorrerem a alternativas mais complexas e, em grande parte, desvantajosas, o que dificulta ainda mais o processo de expansão e consolidação de seus negócios.

A falta de capital inicial é uma realidade para muitos que desejam empreender, e as opções de financiamento são limitadas, muitas vezes restritas a empréstimos com juros altos, o que aumenta o risco de endividamento, novamente tema que pode ser alterado caso tenham mais informações sobre outras formas de crédito e financiamentos além dos bancos tradicionais (Siqueira, 2024).

Segundo o Instituto CÓRIA (2023), outro desafio se dá na adaptação do empreendedorismo periférico à transformação digital pela qual a nossa sociedade passou nos últimos anos. Hoje, é fundamental integrar a atuação dos negócios ao contexto da tecnologia para elevar o seu potencial de impacto nas comunidades. Esse ponto é de extrema relevância, uma vez que muitos moradores de comunidades e

favelas ainda não possuem acesso à internet ou o têm de forma bastante limitada, conforme aponta o site do CGI.br.

> “Apesar dos avanços identificados pela série histórica da pesquisa, ainda há desigualdades marcantes. A Internet, por exemplo, está presente em 100% dos domicílios de classe A, mas em 68% dos lares das classes D e E. Nas áreas urbanas, 85% das residências estão conectadas, enquanto nas rurais, a proporção é de 74%.” (2024).

Essa situação impacta diretamente as vendas dos empreendedores, já que, atualmente, a divulgação pela internet é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de qualquer negócio. Além disso, limita o acesso a plataformas de comércio eletrônico, a cursos de capacitação e à busca por oportunidades de crédito e investimento, restringindo o crescimento e a competitividade desses empreendimentos.

Muitas vezes, a localização desses empreendimentos é considerada área de risco em função da presença do tráfico na região, o que intensifica os obstáculos para a obtenção de investimentos. Esse cenário pode ser compreendido como uma manifestação do racismo estrutural, uma vez que o julgamento baseado no território gera preconceitos que limitam as oportunidades desses empreendedores. Tais situações são o resultado do racismo estrutural, que é quando uma sociedade se estrutura, historicamente, com base na discriminação que privilegia alguma raça em detrimento de outra neste caso, o privilégio branco e burguês em detrimento dos pretos e favelados. (Martins, Pinho, 2021)

Segundo a Agência Brasil (2024), 72% dos moradores de favelas e comunidades são pessoas pretas e pardas, sendo 16,1% autodeclaradas pretas e 56,8% autodeclaradas pardas. Partindo do princípio de que muitos empreendedores enfrentam racismo ou algum tipo de preconceito em razão de sua raça ou da região onde vivem, torna-se evidente que esse é um dos principais fatores que explicam as dificuldades relatadas por essas pessoas. Essas dificuldades não se restringem apenas à falta de crédito ou de investimentos, mas também comprometem a credibilidade dos negócios e contribuem para a desvalorização de seus produtos e serviços.

A ausência de métricas formais e a complexidade burocrática configuram barreiras significativas para o reconhecimento institucional dos negócios de impacto, sobretudo daqueles oriundos de territórios periféricos. Embora critérios como o monitoramento de impacto e o retorno financeiro sejam fundamentais para assegurar

a credibilidade dos empreendimentos, a aplicação rígida desses parâmetros tende a excluir iniciativas que atuam em contextos informais ou com recursos limitados. Além disso, os processos burocráticos exigidos por editais, aceleradoras e investidores, como formalização jurídica, emissão de notas fiscais, elaboração de relatórios detalhados e domínio de linguagem técnica, acabam restringindo a participação de negócios que operam em modelos comunitários, flexíveis ou ainda em condições de informalidade. Esse cenário reforça a necessidade de que os critérios de reconhecimento sejam adaptados à diversidade de modelos de atuação presentes no campo do empreendedorismo de impacto. O site Carta Capital diz que,

> A maioria dos microempreendedores individuais (MEI) brasileiros raramente emite notas fiscais, apesar de ser um procedimento exigido em várias situações. De acordo com a plataforma de gestão MaisMei, 35,83% dos MEIs nunca emitiram notas fiscais e 27,53% o fazem apenas quando o cliente solicita. (EQUIPE CARTACAPITAL, 2024)

É urgente ampliar o acesso a metodologias de mensuração simplificadas e desenvolver ferramentas inclusivas que considerem o contexto territorial e cultural dos empreendimentos. Reconhecer o impacto gerado por iniciativas periféricas demanda uma abordagem menos engessada, capaz de valorizar a transformação social mesmo quando esta não se expressa em métricas convencionais. Portanto, a ausência de critérios flexíveis e o excesso de exigências burocráticas não apenas dificultam o reconhecimento institucional desses negócios, mas também perpetuam desigualdades, na medida em que reduzem as possibilidades de acesso a recursos governamentais e privados. Para que o campo seja de fato abrangente, é necessário flexibilizar os mecanismos de mensuração e criar estratégias que permitam a valorização de diferentes contextos e estágios de desenvolvimento dos negócios de impacto.

Os empreendedores de impacto periféricos têm papel fundamental e estratégico na Agenda 2030. As práticas cotidianas, que muitas vezes são informais, mas enraizadas no território, dialogam com diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), fortalecendo as transformações locais e contribuindo para a transformação global.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) compõem uma agenda global estabelecida em 2015 pela Organização das Nações Unidas (ONU), com a finalidade de orientar governos, empresas, sociedade civil e cidadãos na construção de um mundo mais justo, inclusivo e sustentável. A Agenda 2030 contempla 17

objetivos e 169 metas, voltados para o enfrentamento dos principais desafios globais até 2030. Entre eles, destacam-se os seguintes ODS:

a) ODS 8 – Trabalho decente e crescimento econômico: Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos.
b) ODS 10 – Redução das desigualdades: Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.
c) ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis: Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.
d) ODS 12 – Consumo e produção responsáveis: Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis. (“Sustainable Development Goal 12: Consumo e produção responsáveis”, 2020)

Dessa forma, os negócios de impacto nas periferias não apenas enfrentam os desafios diários de seus contextos, mas também ampliam sua relevância contribuindo com metas globais de desenvolvimento sustentável. Reconhecer e apoiar essas iniciativas é essencial para construir um ecossistema de impacto verdadeiramente inclusivo e transformador.

Mesmo sem apoio institucional, o impacto socioambiental promovido nas periferias é notável e conversam com várias ODS. A ausência de apoio não é sinônimo de ausência de impacto, muito ao contrário disso, pois os empreendimentos de regiões periféricas são impulsionados pela urgência das demandas locais e pela vivência dos empreendedores que sofrem com essas mazelas e conhecem profundamente seus desafios em sua comunidade. Essa proximidade com o território permite soluções mais eficazes e adaptadas à realidade, muitas vezes mais relevantes do que aquelas pensadas em ambientes corporativos ou institucionais.

Apesar desses impactos muitas das vezes não serem mensurados através de ferramentas padrão. No entanto, ele se manifesta em indicadores sociais tangíveis, como redução de desemprego local, fortalecimento da economia no ambiente comunitário, valorização da cultura periférica e aumento da equidade racial e territorial. Mesmo que com menos recursos e visibilidade, os empreendimentos periféricos conseguem gerar impacto social relevante, especialmente entre mulheres, pessoas negras e famílias de baixa renda — grupos prioritários na Agenda 2030 da ONU. Segundo Barki (2021), quando olhamos para o perfil de empreendedores periféricos, 70% é composto por mulheres e 87% dos entrevistados se autodeclaram

negros (pretos ou pardos) 60% desses empreendedores tem ganhos líquidos de até R$ 2.090,00.

Atualmente, um dos caminhos mais eficazes para consolidar um negócio de impacto de forma estável é por meio do apoio oferecido por instituições que disponibilizam cursos, mentorias e capacitações, muitas vezes de maneira gratuita. No Rio de Janeiro, destacam-se organizações especializadas no fortalecimento de pequenos negócios de impacto socioambiental em comunidades, como o programa Rio de Impacto, o Sebrae e a Asplande, que atuam promovendo conhecimento, networking e suporte estratégico para empreendedores.

Essas organizações desempenham um papel fundamental no apoio a pequenos empreendedores, auxiliando-os na trajetória de estruturação e consolidação de seus negócios. Além disso, muitas de suas iniciativas estão alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Um exemplo é a Asplande, que diz:

Temos como missão instrumentalizar as populações de baixa renda – especialmente grupos formados por mulheres chefes de família, moradoras de favelas e periferias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – para o planejamento, implementação e monitoramento de empreendimentos comunitários e cooperativos, voltados para um desenvolvimento integral e harmônico. (ASPLANDE) Deste modo, essa organização atua em prol dos ODS 1 (Erradicação da Pobreza), 5 (Igualdade de Gênero), 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico) e 10 (Redução da Desigualdade). Entretanto, é evidente que, apesar do apoio oferecido por organizações voltadas ao fortalecimento de pequenos negócios, muitos empreendimentos ainda enfrentam dificuldades para se estabilizar e obter os recursos necessários ao seu desenvolvimento. Grande parte desses micro e pequenos empreendimentos encontra barreiras no acesso a linhas de crédito ou a instituições financeiras, o que limita suas possibilidades de investimento e crescimento.

3.METODOLOGIA

O presente artigo adotou uma abordagem exploratória, e em uma pesquisa qualitativa realizada por meio de um formulário aplicado na plataforma Google Forms, combinando levantamento bibliográfico e trabalho de campo. Foi realizada uma revisão de literatura em artigos, relatórios institucionais e publicações acadêmicas que

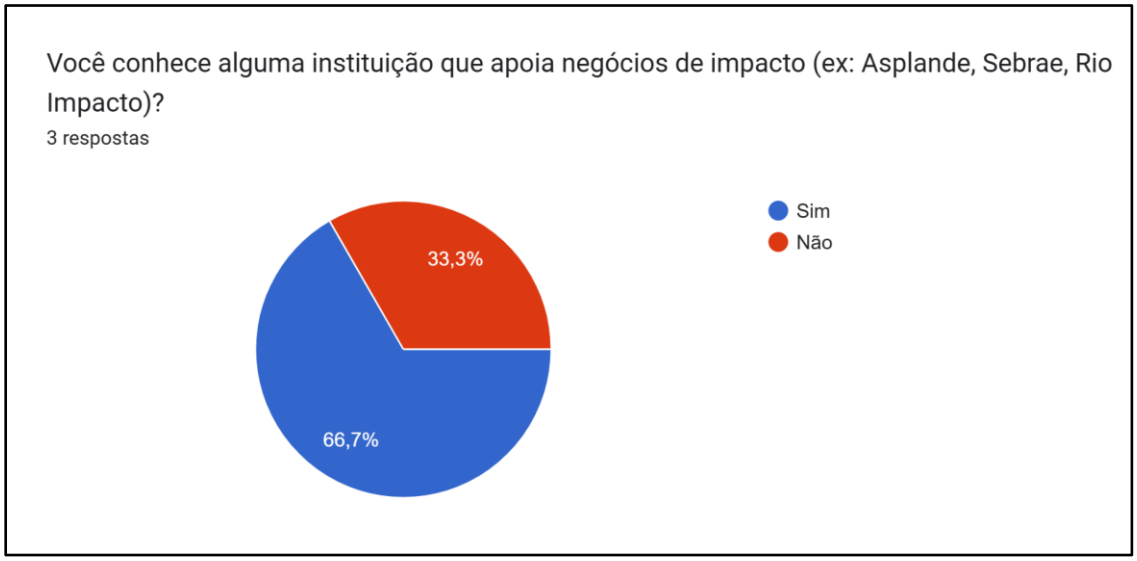
discutem os negócios de impacto, especialmente no contexto periférico. Essa etapa permitiu compreender os critérios institucionais que definem os negócios de impacto e identificar lacunas relacionadas ao reconhecimento das práticas empreendedoras em territórios periféricos. Para complementar a análise teórica, desenvolveu-se uma investigação empírica com três iniciativas de diferentes segmentos sociais por meio da aplicação de um formulário trabalhado no Google Forms, estruturado junto com os empreendedores atuantes em comunidades periféricas do Rio de Janeiro. O instrumento de coleta contemplou questões sobre perfil dos empreendedores, acesso a instituições de apoio (como Asplande, Sebrae e Rio de Impacto), experiências com fomento e financiamento, participação em redes e associações, além dos impactos sociais percebidos em suas comunidades. Os dados obtidos foram tratados por meio da análise de conteúdo, buscando identificar padrões, recorrências e significados nas respostas. Para apoiar a interpretação, utilizou-se também a técnica de indicadores de frequência de palavras, representados em uma nuvem de palavras, o que possibilitou visualizar os termos mais citados pelos participantes e, consequentemente, os temas de maior relevância para os empreendedores periféricos. A análise qualitativa foi articulada com os referenciais teóricos levantados na pesquisa bibliográfica, permitindo relacionar as práticas observadas no campo com os desafios institucionais apontados pela literatura. Essa triangulação metodológica possibilitou compreender de forma mais ampla os fatores que dificultam o reconhecimento dos negócios de impacto periféricos e propor recomendações para critérios mais inclusivos.

4 ANÁLISE DO CAMPO E RESULTADOS

Na Análise de Campo, realizou-se uma pesquisa qualitativa com três iniciativas de diferentes segmentos sociais que atuam em comunidades das regiões Norte e Fluminense da cidade do Rio de Janeiro, sendo elas Recriando Mare, Resíduo Zero RJ e Social Visão do Bem. O estudo abordou temas relacionados ao acesso a instituições governamentais de apoio, às possibilidades de fomento financeiro para o desenvolvimento de seus projetos e aos impactos gerados por essas iniciativas nas comunidades onde estão inseridas. A pesquisa foi conduzida por meio de um questionário estruturado, composto por perguntas abertas e fechadas, e utilizou um termo de consentimento, solicitando a permissão dos respondentes para expor as

respostas obtidas nessa análise. Dentre os respondentes, dois eram do gênero masculino e uma do gênero feminino, com faixa etárias entre 25 e 60 anos. Além disso, duas das três iniciativas, desenvolvem seus projetos na Zona Norte do Rio de Janeiro, especificamente nos bairros de Irajá e Maré, e possuem menos de um ano de atuação. A maior parte das iniciativas é voltada para práticas sustentáveis, com foco em gestão e reaproveitamento de resíduos sólidos, enquanto um dos projetos têm caráter social, direcionados à saúde ocular das comunidades atendidas.Ao abordar as questões relativas ao acesso às Instituições de Apoio, os participantes foram questionados sobre seu conhecimento a respeito de organizações que oferecem suporte a negócios de impacto, como Asplande, Sebrae e Rio Impacto. Dentre os respondentes, 66,7% afirmaram conhecer algum tipo de instituição de apoio, conforme apresentado na Figura 2.

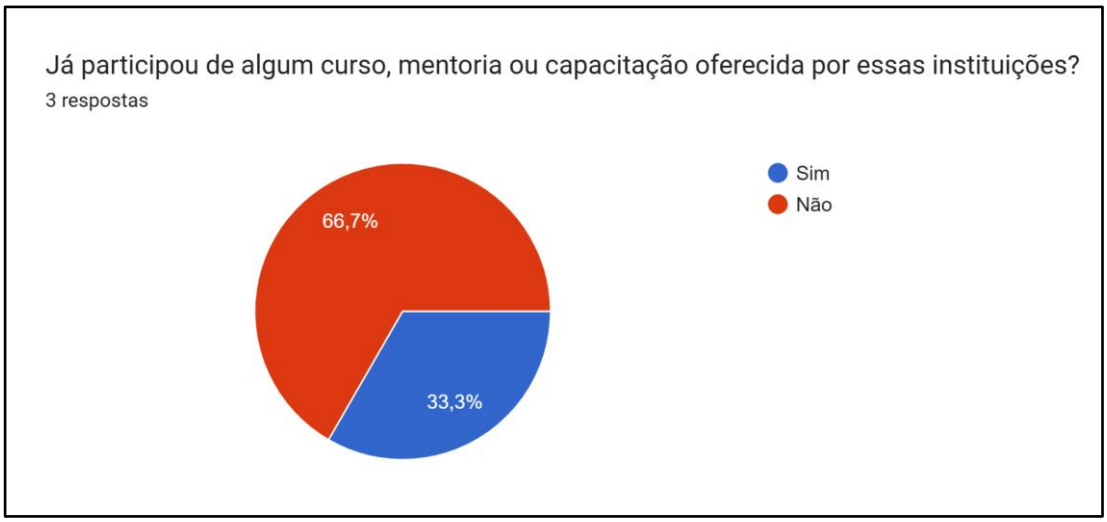
Figura 2 – Conhecimento dos participantes sobre instituições de apoio ao empreendedorismo



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando questionados sobre a participação em cursos, mentorias ou capacitações oferecidas por essas instituições, 66,7% dos respondentes afirmaram nunca ter participado, enquanto 33,3% informaram já ter realizado algum tipo de formação, conforme apresentado na Figura 3. Ao serem solicitados a especificar em qual instituição participaram e como avaliaram a experiência, um dos participantes relatou: "*Asplande, Sebrae, Artemisia, Investe Favela, BNDES Garagem e AWE. Todos foram muito bons.*"

Figura 3 – Participação dos empreendedores em cursos, mentorias e capacitações

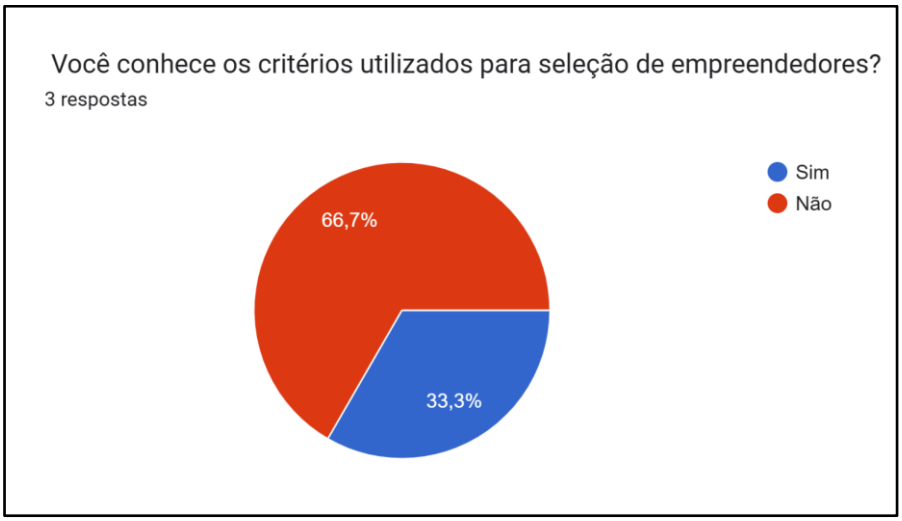


Fonte: Dados de pesquisa.

Quando questionados sobre o conhecimento dos critérios utilizados para a seleção de empreendedores (Figura 4), 66,7% dos participantes afirmaram desconhecer tais critérios. Além disso, ao serem perguntados se já haviam tentado acessar algum tipo de apoio institucional (Figura 5), 66,7% declarou não ter obtido qualquer acesso.

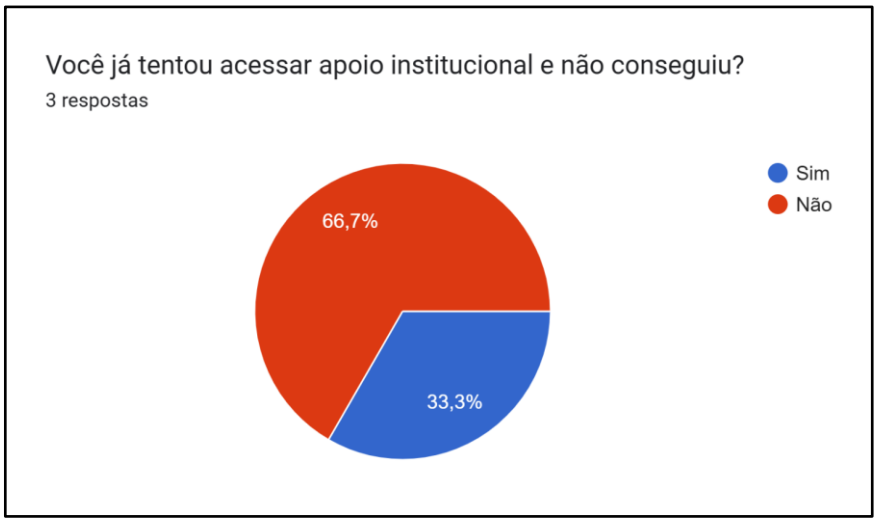
Para os 33,3% que relataram ter buscado esse apoio, foi solicitado que indicassem quais fatores dificultaram o processo. O entrevistado destacou: "*falta de informação e estrutura formal.*"

Figura 4 – Conhecimento dos critérios institucionais de seleção de empreendedores



Fonte: Dados de pesquisa.

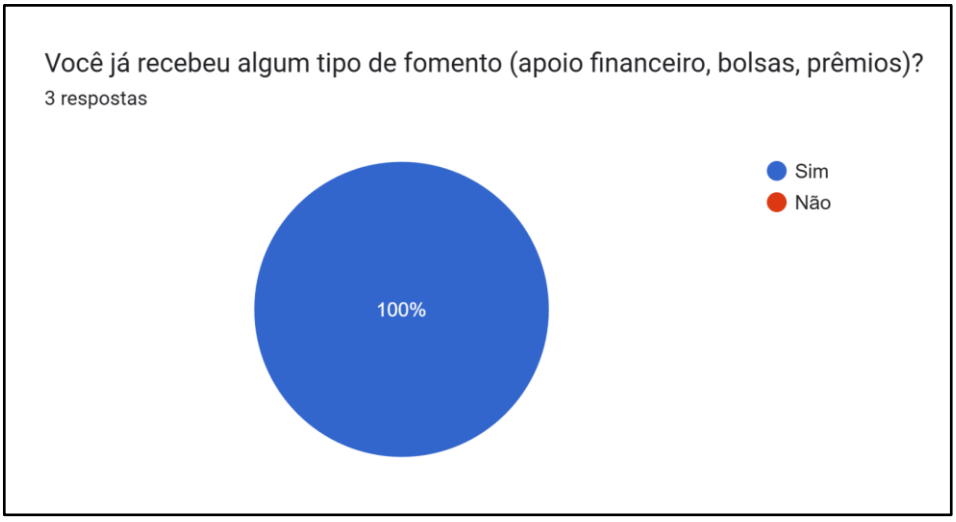
Figura 5 – Acesso dos empreendedores ao apoio institucional



Fonte: Dados de pesquisa.

Ao analisar as possibilidades de fomento financeiro para o desenvolvimento dos projetos, questionou-se inicialmente se os participantes já haviam recebido algum tipo de apoio financeiro, bolsa ou prêmio. Todos os respondentes (100%) afirmaram ter tido acesso a algum tipo de fomento, conforme apresentado na Figura 6.

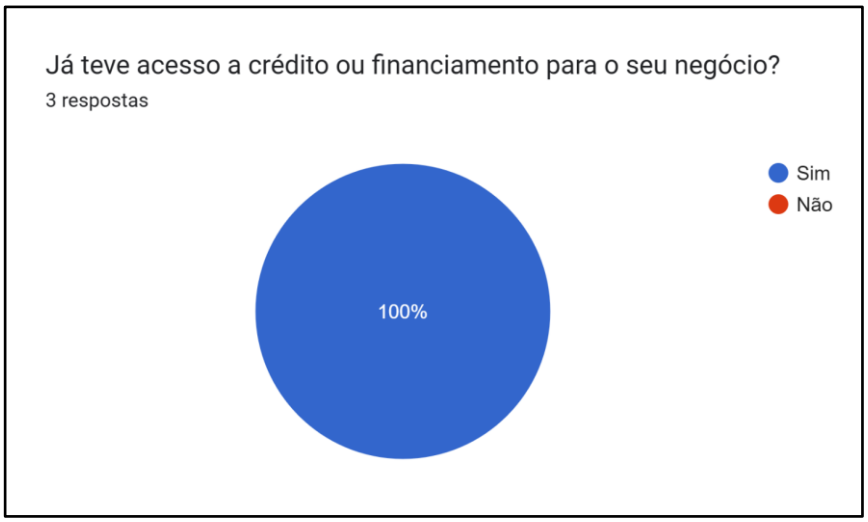
Figura 6 – Acesso dos empreendedores a fomento financeiro, bolsas ou prêmios



Fonte: Dados de pesquisa.

Também foi perguntado se já haviam acessado créditos ou financiamentos para impulsionar seus negócios (Figura 7), e novamente 100% declararam ter obtido algum tipo de acesso.

Figura 7 – Acesso dos empreendedores a crédito e financiamento

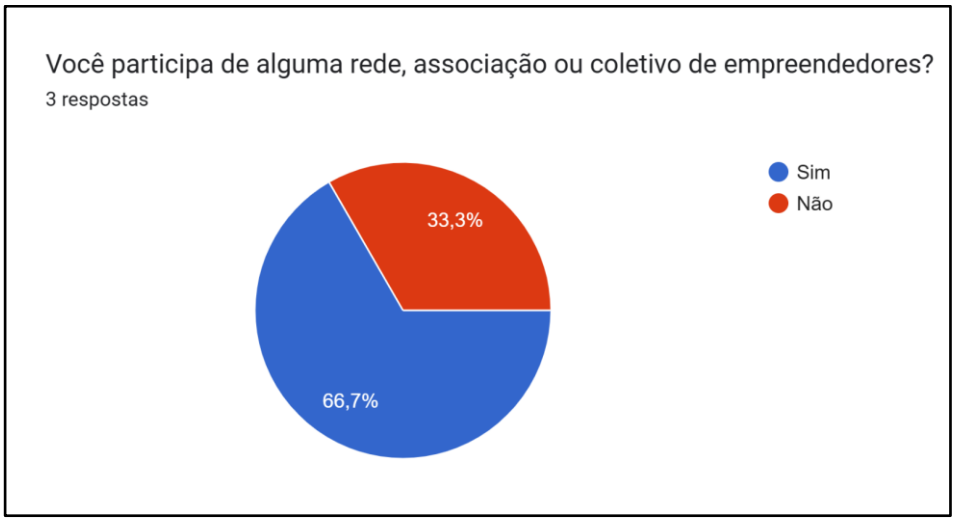


Fonte: Dados de pesquisa.

Entre aqueles que receberam incentivos financeiros, investigaram-se os principais obstáculos enfrentados nesse processo. As respostas incluíram: “não ter CNPJ, não ter um investidor e a limitação logística para a linha de produção” e “os documentos exigidos e a figura do fiador”.

Também foi investigado se os participantes já haviam integrado alguma rede, associação ou coletivo de empreendedores (Figura 8). Entre eles, 66,7% afirmaram que participaram ou ainda participam de algum tipo de rede de apoio ao empreendedor.

Figura 8 – Participação dos empreendedores em redes, associações ou coletivos

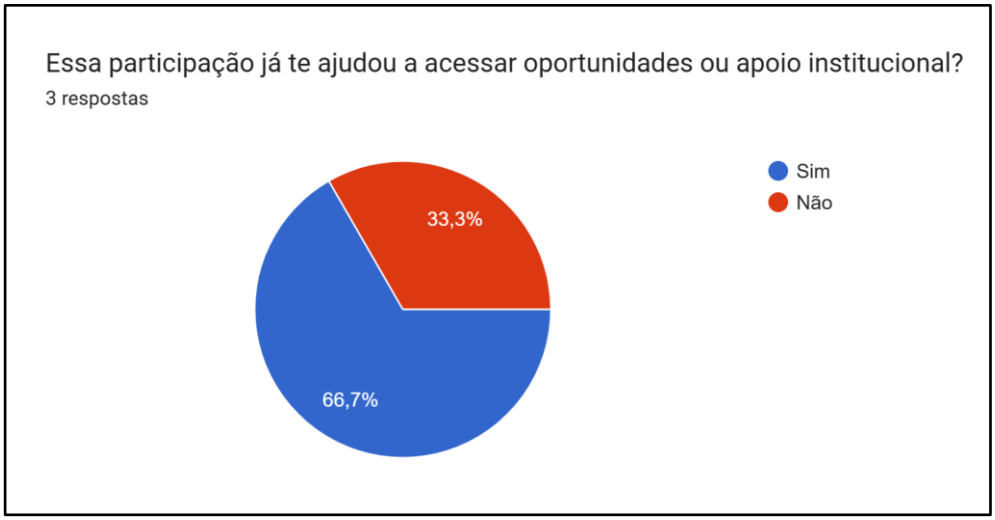


Fonte: Dados de pesquisa.

Ainda dentro desse tema, perguntou-se se a participação nessas redes já havia auxiliado no acesso a oportunidades ou a algum tipo de apoio institucional (Figura 9). Novamente, 66,7% responderam positivamente, indicando que essas redes

contribuíram, de alguma forma, para ampliar o acesso a oportunidades e a apoios institucionais.

Figura 9 – Contribuição das redes de apoio para o acesso a oportunidades e suporte institucional



Fonte: Dados de pesquisa.

Ao investigar os impactos gerados pelos projetos nos territórios onde atuam, foi perguntado aos participantes: “De que forma o seu negócio impactou a sua vida pessoal?” As respostas evidenciaram transformações significativas. Um dos respondentes afirmou: “[…] transformou completamente minha forma de enxergar o consumo e o descarte. Pessoalmente, passei a adotar práticas mais conscientes no dia a dia, reduzindo o desperdício e repensando meus hábitos. Além disso, o projeto ampliou minha rede de contatos, abriu portas acadêmicas e me conectou com pessoas que acreditam em um futuro mais sustentável.” Outro participante destacou o impacto socioeconômico gerado na comunidade: “Ajudamos moradores da Maré a gerar renda extra a partir do não descarte de resíduos, mostrando que eles podem ter uma profissão ou obter uma renda adicional reaproveitando materiais que poderiam ser transformados em artesanato.” Por fim, o terceiro respondente ressaltou os efeitos positivos na saúde e qualidade de vida da comunidade: “Através da geração de renda, da melhora na saúde ocular e da possibilidade de acesso a consultas e exames oftalmológicos, houve mudança de vida e melhora no aprendizado.”

Quando questionados sobre “Quais mudanças você percebeu na vida da sua família por conta do seu negócio?”, os participantes relataram transformações diversas. Um dos respondentes afirmou: “Ajudamos moradores que já atuavam como artesãos, mas não tinham contato com feiras de artesanato sustentável. Conseguimos ampliar a visão deles sobre o mercado de materiais reaproveitados.” Outro

participante destacou melhorias materiais e educacionais: “Mais conforto, aquisição de bens e investimento nos estudos da minha filha.” O terceiro enfatizou mudanças comportamentais e de consciência ambiental dentro do lar: “A principal mudança foi na consciência ambiental dentro de casa. Minha família passou a separar corretamente os resíduos, reduzir o uso de descartáveis e valorizar o reaproveitamento. Além disso, o projeto trouxe orgulho e engajamento coletivo, mostrando que pequenas atitudes diárias podem gerar impacto real tanto no ambiente quanto na comunidade.”

Ao serem questionados sobre os tipos de impacto que seus negócios geraram nas comunidades, os participantes apresentaram percepções complementares. Um deles destacou:

“Acreditamos que, com nossas oficinas de artesanato e reaproveitamento, geramos resultados na forma como nossos alunos passaram a enxergar os resíduos que produziam.” Outro participante sintetizou os principais efeitos identificados: “Educação, saúde, renda e autonomia.” Por fim, um terceiro respondente apresentou uma visão mais detalhada sobre os impactos territoriais: “[…] Em Irajá, o foco está na conscientização sobre consumo e descarte responsável. Em Campo Grande, nas oficinas práticas de compostagem e reaproveitamento de resíduos. Já em Realengo, temos fortalecido parcerias comunitárias e estimulado ações coletivas de limpeza e reciclagem, promovendo educação ambiental e economia circular no território. O projeto mostra que a sustentabilidade também nasce e cresce nas periferias do Rio.”

Os participantes também relataram sobre algumas de suas percepções e expectativas. Quando indagados sobre “O que você acredita que falta para os pequenos negócios de impacto crescerem mais?”, os participantes possuem percepções diversificadas, um dos participantes destaca a necessidade de “oportunidade de parcerias e apoio técnico” enquanto outro que corrobora com essa percepção, a necessidade de “Mentoria e visibilidade.” e por último o participante que destaca sua visão de forma mais detalhada, consegue ligar esses dois pontos ”Acredito que o principal desafio para os pequenos negócios de impacto é a falta de investimento contínuo e apoio técnico. Muitos projetos nascem com boas ideias, mas encontram barreiras no acesso a crédito, capacitação em gestão e visibilidade.

Na mesma linha de análise os participantes foram questionados olhando para seu negócio “ Que tipo de apoio você gostaria de receber que ainda não está disponível?” um dos participantes destacou “uma criação de redes de apoio para

quem é iniciantes” enquanto outro participante evidenciou o desejo de ter um apoio mais específico para seu tipo de negócio “Gostaria de ter acesso a programas de fomento específicos para negócios sustentáveis periféricos, que unissem apoio financeiro, capacitação técnica e mentoria em gestão ambiental.

Também seria fundamental um espaço permanente para experimentação e incubação de projetos verdes, voltado a empreendedores que atuam em territórios como Irajá, Realengo e Campo Grande. [...]” Por fim, outro participante também relata sobre um apoio mais específico “Design e apoio de residentes médicos oftalmológicos para realizar refração óculos nas ações.” No encerramento da pesquisa os participantes relataram se veem seu negócio como um transformador social, respondendo “Você acredita que seu negócio é reconhecido como um agente de transformação social? Por quê?” Um participante afirmou o motivo de ver seu negócio como transformador: “Sim! porque na maré existem muitos projetos sociais e ambientais, porém não existem projetos que pense diretamente na economia circular e na valorização dos catadores e artesãos” Outro participante destaca dizendo que apesar dos muitos desafios enfrentados consegue perceber seu negócio com um agente transformador “[...] Muitas vezes faltam recursos, estrutura e apoio institucional, e é preciso lidar com a desvalorização das iniciativas vindas da periferia. Nosso impacto está justamente em provar que a favela também produz ciência, tecnologia e soluções ambientais reais

No intuito de entender a relação entre a percepção dos participantes, as respostas abertas obtidas na pesquisa foram submetidas à técnica de nuvem de palavras, permitindo identificar, de forma visual, os termos mais recorrentes entre os participantes. Possibilitando destacar as percepções predominantes sobre o tema investigado, dessa forma evidenciando quais conceitos, ideias ou sentimentos se manifestaram com maior frequência nas falas dos respondentes que foi destacado na imagem abaixo.

Figura 10 – Nuvem de palavras das respostas dos empreendedores participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, com base nas respostas obtidas na pesquisa.

4 CONCLUSÃO

Apesar de atenderem a critérios como intencionalidade e centralidade do impacto em suas atividades, esses empreendedores ainda enfrentam barreiras relacionadas à comprovação de retorno financeiro, à ausência de monitoramento sistematizado e ao difícil acesso a investimentos. Embora todos já tenham obtido algum tipo de fomento para o desenvolvimento de seus projetos, relatam obstáculos para acessar instituições que realmente acreditem em seu potencial e estejam dispostas a investir em seu crescimento.

Diante desses desafios, acredita-se que o fortalecimento institucional poderia ser um caminho promissor. Mais organizações de apoio a negócios de impacto poderiam oferecer conhecimento qualificado como cursos, mentorias e capacitações que irão auxiliar esses empreendedores a compreender os critérios de seleção, aprimorar a gestão de seus projetos e alinhar suas iniciativas aos parâmetros

necessários para o acesso a recursos financeiros e apoios institucionais. Portanto, embora tenham relatado dificuldades tanto no acesso a instituições de apoio quanto na obtenção de verbas para o desenvolvimento de seus projetos, todos os participantes desta pesquisa demonstraram, apesar das barreiras sociais, a relevância e a importância de suas atividades nos territórios onde atuam. Assim, mesmo diante dos desafios, conseguiram algum nível de apoio financeiro para colocar em prática suas iniciativas em diversos bairros do Rio de Janeiro, gerando impactos positivos em suas comunidades e no entorno.

REFERÊNCIAS

ASPLANDE. **Disponível em**: <https://www.asplande.org.br/>. Acesso em: 5 out. 2025.

BARKI, EDGARD *et al.* **Perfil dos empreendedores de impacto no Brasil**: o desafio das desigualdades territoriais. São Paulo: FGV EAESP, 2021. Disponível em: https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u515/pesquisa_perfil_dos_empreendedores_de_impacto_no_brasil_v2.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.

ARTEMISIA; ALIANÇA PELOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS DE IMPACTO. **Diretrizes para o ecossistema de negócios de impacto no Brasil**. São Paulo: Artemisia, 2019.

DE, P. População de favela é mais negra e jovem que restante do país. **Disponível em**: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-11/populacao-de-favela-e-mais-negra-e-jovempais#:~:text=Os%20pretos%20s%C3%A3o%2010%2C2,Janeiro%20%2812%2C7%25%29>. Acesso em: 23 set. 2025.

DESYREE. **Empreendedorismo na periferia**: entre a precarização do trabalho e a busca de sentido para a vida - Jornal da Unicamp. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/noticias/2024/01/30/empreendedorismo-na-periferia-entre-a-precarizacao-do-trabalho-e-a-busca-de-sentido-para-a-vida/>. Acesso em: 24 set. 2025.

DUTRA, V. R. ODS 17: Educação e Empreendedorismo a favor do desenvolvimento. **Disponível em**: <https://www.aventuradeconstruir.org.br/post/ods-17-educa%C3%A7%C3%A3o-e-empreendedorismo-a-favor-do-desenvolvimento>. Acesso em: 21 ago. 2025.

EQUIPE CARTACAPITAL. **Mais de 60% dos MEIs não emitem nota fiscal**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/do-micro-ao-macro/mais-de-60-dos-meis-nao-emitem-nota-fiscal/>. Acesso em: 24 set. 2025.

FILHO, J. S. O Racismo Estrutural aos Olhos da Favela: A Maré Fala [PODCAST] - RioOnWatch. **Disponível em**: <https://rioonwatch.org.br/?p=59241>. Acesso em: 23 set. 2025.Negócios de impacto: empreendedorismo que transforma. Disponível em: <https://blogdodesenvolvimento.bndes.gov.br/blogdodesenvolvimento/detalhe/Negocios-de-impacto-empreendedorismo-que-transforma/>. Acesso em: 4 set. 2025.

INSTITUTO DE CIDADANIA EMPRESARIAL (ICE). **Estudo sobre o setor de negócios de impacto no Brasil**. São Paulo: ICE, 2019. Disponível em: <https://aliancapeloimpacto.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ice-estudo-negocios-de-impacto-2019-web.pdf>. Acesso em: 7 set. 2025.

IMPACTA NORDESTE. **4 características que fazem um negócio ser de impacto - Impacta Nordeste**. Disponível em: <https://impactanordeste.com.br/4-caracteristicas-que-fazem-um-negocio-ser-de-impacto/>. Acesso em: 4 set. 2025.

INSTITUTO CÓRIA. **Empreendedorismo periférico**: desafios para a inovação. Disponível em: <https://institutocoria.org.br/blog/inovacao-social/empreendedorismo-periferico-2/>. Acesso em: 21 ago. 2025. NIC.BR.

PANORAMA DAS FAVELAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.rj.gov.br/ceperj/sites/default/files/arquivos-paginas/Panorama%20das%20Favelas%20RJ_0.pdf>.

SEMENTE, **Negócios de impacto: o que são, características e sua relação com a inovação** Disponível em <https://sementenegocios.com.br/blog/negocios-de-impacto/>. Acesso em: 23 ago. 2025SIQUEIRA, C. J. **O Desafio de empreender nas periferias** - ANF - Agência de Notícias das Favelas. Disponível em: <https://www.anf.org.br/o-desafio-de-empreender-nas-periferias/>. Acesso em: 23 set. 2025.

SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOAL 12: CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS. **Disponível em**: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/12>. Acesso em: 24 set. 2025.